

## As Águas de Olga Savary

Por **Nádia Barbosa**

(Poeta, professora de Literaturas de  
Língua Portuguesa, Doutora em  
Literatura Comparada)

*“No Brasil, poeta morre de fome.  
Mas sou apaixonada por este malandro chamado literatura  
e não viveria sem ele.”*  
Olga Savary (1933 – 2020)

No último dia 15 de maio, fez-se um ano da morte da poeta Olga Savary. Filhade pai russo e mãe paraense, orgulhava-se de ter uma bisavó materna de origem indígena. Olga era prima de Carlos Drummond de Andrade, o qual, alimentava uma paixão não correspondida pela poeta; e ela, uma profunda admiração pela obra do escritor mineiro. Segundo Olga, foi o próprio Drummond que descobriu o parentesco entre os dois e contou a ela, disse-me a poeta, na ocasião que a conheci. Confessou-me também que, embora houvesse uma paixão do poeta não correspondida, certa vez encontrou com ele na rua e teve que se encostar na parede, de tanto que tremia, *"fiquei com as pernas bambas, não de paixão, mas de ternura"*. Essas e outras histórias ela me contou.

Conheci Olga Savary em 2011, por intermédio do amigo e poeta paraense Cristóvam Araújo. Há muito não o via, até que soube, pelas redes sociais, do lançamento do seu *Diário de Bordo*, em 2010. Por conta deste lançamento, consegui retomar o contato com ele, ainda que telefônico. Um ano antes, eu havia lançado meu primeiro livro de poemas, *Meio-dia*. Em 2011, nos reencontramos, pessoalmente, e trocamos exemplares. Cristóvam leu o meu livro, depois telefonou me parabenizando e perguntando se eu não poderia enviar um exemplar à Olga Savary que, àquela altura, havia acabado de publicar uma antologia, com poemas de poetas paraenses (Cristóvam era um deles) e que, certamente, gostaria de me conhecer. Enviei um exemplar do *Meio-*

*dia* à poeta, e, logo que o recebeu, ela mesma fez contato comigo, por meio de uma breve carta, acompanhada de um exemplar do seu *Berço Esplêndido* indicado ao Prêmio Jabuti e premiado pela Academia de Letras da Bahia, onde agradecia o livro recebido e expressava a vontade de me conhecer, talvez numa visita a casa dela, talvez em um almoço oportuno. Na carta, havia seu endereço e telefone. Liguei e marcamos almoçar juntas. Assim o fizemos, num restaurante muito acolhedor, em Santa Tereza. Almoço inesquecível, delicioso, acompanhado de vinho português e conversa boa, sobre poesia e história de vida de cada uma. Foi nesse encontro, que Olga me contou do parentesco e da paixão de Drummond e de seu casamento com o cartunista Jaguar. Olga Savary continuava linda, como sempre, falante, pulsando vida e histórias de vida; muito risonha, sensível, simpática e de uma inteligência extraordinária. Fiquei encantada e muito lisonjeada por estar ali com ela. Depois disso, fui visitá-la, uma ou duas vezes. Naquele meu momento de vida, o volume de trabalho era grande e tive que, praticamente, me mudar para Petrópolis. Continuamos, por um tempo, nos falando por telefone, mas, meu trabalho acabou por nos afastar, o que lamentei e lamento, até hoje, profundamente.

Ano passado, 2020, no início da pandemia, estava eu em Belém e, por alguma razão, deu-me uma enorme vontade de procurá-la. Queria falar com ela, saber como estava, conversar, mostrar a ela meus últimos poemas, aprender, trocar, enfim. Liguei para o amigo Cristóvam Araújo e quis saber se ela estava bem de saúde, posto que alguns bons anos haviam-se passado. Cristóvam também perdera o contato com Olga, mas supunha que ela estivesse bem, incentivando-me a procurá-la. Prometi que o faria, assim que voltasse ao Rio. Voltei no final de abril. Fiquei 20 dias em total isolamento, em função da pandemia, pois havia me deslocado por via aérea e transitado em aeroportos. Durante minha quarentena de retorno, soube de sua morte. A vida não espera, pensei. Fiquei muito triste com a notícia, sobretudo, quando soube da situação dela, nos seus últimos dias de vida, por meio de um dos poucos artigos publicados a propósito de sua morte, na *Revista Cult*. O artigo falava da fome e do abandono da poeta, antes de sua partida. Olga, vítima da COVID 19, faleceu em 15 de maio de 2020, uma semana antes de completar 87 anos. Sua passagem repercutiu bem menos do que a de escritores como Sérgio Sant'Anna, Rubem Fonseca e Luis Alfredo Garcia-Roza. O silêncio confirmou o abandono. Olga andava, lamentavelmente, um tanto esquecida.

Fiquei devendo à poeta esta resenha que ora escrevo, solicitada por ela, quando nos conhecemos. Emprestei do artigo escrito por Beatriz Azevedo para a *Revista Cult*, os versos oportunos de Savary que abrem esta resenha, em que falo um pouco de sua vida e comento alguns de seus poemas que julgo significativos.

Nascida em Belém do Pará, Olga Savary, além de poeta, foi contista, crítica, ensaísta, desenhista – em um de nossos poucos encontros, ela me mostrou um desenho que havia feito de Drummond –, produtora cultural, tradutora (traduziu mais de 40 obras de literatura hispano-americana, incluindo autores como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Octavio Paz, Pablo Neruda, Laura Esquivel, Federico García Lorca, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa e outros), curadora e jornalista. Publicou 20 livros e acumulou mais de 30 importantes prêmios nacionais de literatura, entre eles o Prêmio Jabuti (Autor Revelação) e o da Associação Paulista de Críticos de Artes

Olga foi a primeira poeta brasileira a lançar um livro de poemas, exclusivamente, eróticos e a primeira mulher a publicar e divulgar o gênero haikai, no Brasil. Olga era poeta, e não “poetisa”, termo que ela detestava.

A escritora fazia questão de mostrar as raízes linguísticas de sua poesia, marcando uma particularidade de seu trabalho, que pode ser confirmada pela frequência de vocábulos tupi em seus poemas, fazendo deles uma fonte de conhecimento. Tanto na poesia quanto na prosa, a paraense faz da brasilidade um elo para a universalidade. O amor à terra natal mostrava em Olga o *ethos* daqueles que sempre buscam um país melhor.

Brasileira, lutadora e pioneira, Olga Savary, ainda muito jovem, foi quem introduziu o haikai<sup>62</sup> no Brasil, nos anos 40 do século passado. Como também já foi dito, foi a primeira poeta mulher, no Brasil, a publicar um livro exclusivamente de poemas eróticos. Vale ressaltar, que Savary, desde muito cedo, tinha voz própria, um aroma pessoal, singular, que poucos poetas jovens possuem. Além disso, sabia o que dizia e o fazia com a competência daqueles que entornam, como Drummond, a própria vida em sua escritura. Vida e obra, para Olga, era uma coisa só, e ela, enquanto viva, pulsava vida e poesia.

---

<sup>62</sup> O Haikai, também chamado de “Haiku” ou “Haikai”, é um poema curto de origem japonesa. O tradicional haikai japonês possui uma estrutura específica, ou seja, uma forma fixa composta de três versos (terceto) formados por 17 sílabas poéticas.

*Espelho Provisório* foi a obra de estreia da poeta, editado pela José Olympio, em 1970. Ferreira Gullar foi quem prefaciou o livro. Nesse prefácio, Gullar anunciavaque, na poesia de Olga havia “*um misto de explosão e delicadeza, de desatino e recato, como se ela temesse, por falar alto, quebrar o encanto do que vive: seja uma criança, uma lembrança, uma cidade*”. Assim como Gullar, Antonio Houaiss foi outro incentivador de Savary. A tamanha acuidade crítica de ambos, sinalizava, àquela altura, que Olga não era prenúncio e nem promessa, mas afirmação de uma grande poeta.

Memórias e trivialidades do cotidiano atravessam os poemas de *Espelho Provisório*, uma possível alusão ao espelho d'água, onde imagens surgem e desaparecem, como lembranças. O elemento "água" será uma constante nos poemas de Olga. A poeta lança mão da metáfora da água, como recurso linguístico, para alinhar em seus versos a sensualidade, a sedução e o erotismo. *Espelho Provisório* ganhou, em 1971, o Prêmio Jabuti de “Autor Revelação”. É possível afirmar que, a obra é um delicado auto-retrato pintado em nanquim, consequência de um mergulho no mais profundo reservatório da poeta, que traz à tona a ponta fina da haste encharcada de lembranças que deslizam, a desenhar seus versos. A obra aponta para temas que a poeta perseguirá ao longo de sua carreira literária, e marcará o princípio de um maduro projeto poético, “(...) *Estou aqui (...). Em meu princípio*”, diz a voz lírica (prematuramente adulta) de Savary. A impressão que nos dá esse primeiro livro é a de que Olga já nasceu “gente grande”, na poesia, onde ser adulta é ser livre e ser poeta.

Em 1977, a escritora publica *Sumidouro*, cujo prefácio foi escrito por Nelly Novaes Coelho. A obra recebeu o Prêmio de Poesia de 1977, atribuído pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e, no mesmo ano, foi escolhido, como o melhor livro de poesia pelo *Jornal do Brasil*. No livro, a autora comenta o título dado à obra, o que nos permite vislumbrar o universo criador da poeta. “Sumidouro”, diz ela, é o “*mergulho que o poeta faz para dentro de si mesmo através da poesia, o sumido ouro*”. O sumidouro de Olga é rio que corre para as profundezas da poeta e que, a inquieta feito pássaro que se faz na liberdade dos ventos e “*Bebe o mel feroz do ar/nunca o sossego*”, diz o sujeito lírico do poema *Ar*. Em *Sumidouro*, a poeta nos aproxima de sua natureza criadora, não só de seu processo criativo, mas também, da natureza que constitui o seu nascimento de poeta. Para a autora, o ideal de poeta passa pelo fogo que arde em magma, sutil metáfora de erotismo; pelo ar, liberdade e inquietude; pela água, ardor erótico e, por fim, pela terra, satisfação plena da paixão, representada pela morte. Eros e Tânatos tangenciam a obra da

poeta. Muitas vezes Olga, quando indagada sobre o que pensava da morte, respondia, "*um grande orgasmo (...). Não tenho medo. Desejo-a. Só não gosto de deterioração. Da vida, aceito tudo. Até seu reverso: morte*". As aporias são frequentes na obra da escritora que, cerzindo-as em poesia, conduz à reflexão acerca da existência. Olga foi submissa à vida. São palavras suas, "*A vida é maior que eu, sua súdita. Humildemente, eu que não sou humilde, reconheço*". Se por um lado, a aceitação da vida é condição a que ela se submete, por outro a aceitação da Morte diz da entrega limite e incondicional a Eros, ao desejo, ao Grande Orgasmo, sentido nos versos, "*Não falo mais do céu fora de alcance/ falo do que os pés alcançam,/falo da terra que me cabe,/da terra que me cobre/e que me basta*". Note-se a repetição do significante "falo" - verbo e/ou substantivo - e entenda-se a afirmação da poeta, "*Para mim, a morte é um Grande Orgasmo*".

Em 1982, Olga Savary lança o livro *Magma*, esbanjando metáfora erótica, a começar pelo título. O signo "magma" alude ao lúbrico da sexualidade, líquido que sai das entranhas, esquentando, inunda e incendeia tudo em volta, "*onde o amor deságua em delta e tudo fogo*", fenda profunda, para onde tudo escorre e desaparece, a verter a ferocidade do fogo do desejo. A obra reúne 40 poemas escritos entre 1977 e 1982. Essa quinta publicação da poeta é reconhecida pela crítica como o primeiro livro de temática exclusivamente erótica escrito por uma mulher no Brasil. A orelha da edição foi escrita por Antônio Houaiss. *Magma*, muito elogiado pela crítica, recebeu o Prêmio Olavo Bilac de Poesia, da Academia Brasileira de Letras.

Outra modalidade poética em que Olga esbanjou talento foi o Haikai. Em 1986, lançou *Hai-Kais*, onde reúne 100 haikais, alguns inéditos, outros retirados de trabalhos anteriores. A poeta está entre os melhores haikaístas brasileiros. Olga simpatizava com a síntese poética do haikai, escrevia-os desde muito jovem e seguiu, não só escrevendo, mas traduzindo e divulgando esse gênero oriental, tornando-se reconhecida pelos apreciadores desse tipo de poesia. Foram os cultores desse gênero que a consideraram como a primeira haikaísta brasileira, embora não seguisse o rigor formal que obriga o haikai japonês. Nesse gênero, Olga se valia da liberdade poética, no que tange à versificação fixa, e acrescentava aos temas habituais da modalidade a sua visão ocidental, muitas vezes carregando os versos de metáforas eróticas como em, "*Dois ventres destilam licores raros/ no momento final de êxtase e horror./ E quatro olhos vêem a beleza do naufrágio*".

Com dicção própria madura e já formada, Olga Savary segue produzindo e publicando, numa carreira fértil, sempre muito elogiada pela crítica.

Em 1987, publica o seu sétimo livro, *Linha-d'água*. Dessa vez, o prefácio ficou por conta de Antônio Houaiss. Essa obra confirma existir, na poesia de Olga Savary, uma vontade universal e a água, elemento que remete à Vida, a Eros, é sintoma disso. É como se a poeta, em poucos versos, quisesse dizer tudo, quisesse dizer a Vida. O poema que abre o livro traz o título homônimo da obra. Em *Linha-d'água*, Savary recorre a sua fonte primordial e escreve sobre as transparências, sobre um corpo impresso no outro corpo, referindo-se aos rastros dos amantes nos lençóis desarrumados. Lançando mão de metáforas eróticas, a poeta toma a água como uma evidência com a qual ela se defronta - água que ataca, embebe, cauteriza. Transbordada, portanto, a poesia de Olga Savary integra um mistério que ocupa lugar na amplidão, "*me entrego, desaguada, sem medir margens*", dizem os versos de um eu lírico que é água e à água se confunde, com desmedida, com exagero copioso. Água que conduz ao infinito, a se perder na inevitável amplitude, "*água, bicho sem pelo/ onde poder agarrar*", fala um sujeito lírico da ordem da vastidão.

Dando um salto na sequência dos trabalhos publicados, destaco *Rudá*, editado em 1994, pela EdUERJ - editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - e prefaciado por Gilberto Mendonça Teles. *Rudá* significa "amor" em tupi. A poeta cuida de explicar o título logo no primeiro poema homônimo, um haikai ocidentalizado: "*Rudá, em tupi, o nome/do amor de que se nasce,/ amor do qual se morre*". O livro traz poemas preciosos, plenos de lirismo erótico, como se vê em, "*Cavalo solto pelas altas torres/das tardes e das madrugadas, ar-/ risco minhas patas pelo ar/ de uma cidade vazia de pássaros mas cheias de minhas asas*". *Rudá*, portanto, o guerreiro das nuvens, como observa Mendonça Teles, é o amor personificado, é Vida, é Eros. Em outro poema do mesmo livro, diz a voz lírica, "*O amor é forte como a morte/ a paixão é violenta como scheol./ Suas centelhas são centelhas de fogo,/ uma chama divina./ As torrentes não poderiam extinguir o amor,/ nem os rios o poderiam submergir*." Para a poeta, a única força capaz de superar a Morte é o Amor.

A concisão e a contundência da poesia de Olga Savary em formas breves e versos curtos, qualidade que ajudou a dominar a técnica e a estrutura do haikai, nem um pouco favorável às peculiaridades da língua portuguesa, coloca-a em um lugar privilegiado da permanência.

Apesar de sua estreia ter acontecido numa época triste e violenta da história do País, Olga passou ao largo da poesia engajada, possível de ser localizada no tempo e espaço. A poeta investiu na Vida, nos afetos de alegria, trazendo para sua poesia Eros e as temáticas que envolvem o amor, valendo-se da brasilidade contida na língua tupi, de onde, por vezes, a autora empresta palavras para compor seus versos. Olga, como afirma Felipe Fortuna, é poeta dos elementos, das formas naturais, das pequenas elegias, e eu complemento, que tendem ao universal, sem se importar com o tempo presente. O leitor jamais saberá quando a poeta escreveu os seus poemas. Parafraseando Fortuna, Savary preferiu o vasto mar ao vasto mundo de Drummond. A poesia de Olga reina na solitude, na impetuosidade caudalosa, como as águas das marés da Amazônia.

Olga Savary  
Escritora • jornalista  
Rua Sá Pereira, 361/694 - Copacabana  
22071-100 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
☎ (21) 2267-6339

Rio, 17/6/2011

Nêdia querida,

alguém de receber tua Auto-biografia  
& também a Antologia de poesia, contos  
& crônicas de qual participas. Era viva -  
& obrigada.

Envie-te logo meu, Bispo, premiado de 2001,  
que muito fez a ver com nossa terra  
amazônica. Se quiseres, gostaria de fazer  
crítica tua, para publicar em jornais em  
que colabore e que sempre me pedem cole-  
brações.

Bastaria também pra me telefonasses logo  
possas, para combinarmos de nos en-  
contrarmos, quem sabe para rires aqui  
em casa e sairmos para almoçar  
fora. Quando quiseres e puderes, um  
dia para a gente se conhecer, um dia  
conveniente para as duas.

Abraço fraternal,  
Savary

Carta de Olga Savary supracitada.

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa: Editora Antígona, 1988.

DURIGAN, Jesus Antonio. **Erotismo e Literatura**. São Paulo: Ática, 1985.

MARCONDES, Marleine Paula e TOLEDO, Ferreira de. **Olga Savary: erotismo e paixão**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2009.

SAVARY, Olga. **Espelho Provisório. Poesia**. Prefácio de Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

\_\_\_\_\_. **Repertório Selvagem - Obra Poética Reunida** (12 Livros de Poesia). Poesia. Prefácio de Antonio Olinto. Prefácios e críticas dos livros anteriores da autora. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Universidade de Mogi das Cruzes/MultiMais Editorial, 1998.

<https://revistacult.uol.com.br/home/olga-savary-poeta-nao-poetisa/>. Acesso em 26/05/2021

<http://www.felipefortuna.com/as-formas-da-cgua-sobre-a-poesia-de-olga-savary/>. Acesso em 30/05/2021.

<https://feminismo.org.br/olga-savary-a-poeta-do-erotismo/17014/>. Acesso em 30/05/2021